

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ISADORA DE ALMEIDA GONÇALVES ANTUNES  
LEIRIANE TAVARES CHAVES  
MEYRELLANDA CERQUEIRA**

**O LUGAR DO ESTUDANTE SURDO NA ESCOLA: UM CASO  
DE ÊXITO NA INCLUSÃO**

**VOLTA REDONDA  
2018**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O LUGAR DO SURDO NA ESCOLA: UM CASO DE ÊXITO NA  
INCLUSÃO**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Educação Física do UniFOA como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Educação Física.

Alunas:

Isadora de Almeida Gonçalves Antunes

Leiriane Tavares Chaves

Meyrellanda Cerqueira

Orientadora:

Prof. Dra. Maria Cristina de Carvalho  
Tommaso

**VOLTA REDONDA  
2018**

## RESUMO

Este trabalho surgiu com a proposta de identificar o lugar que o aluno surdo ocupa no ambiente escolar e como se dá sua inserção nas aulas tomando como referência uma escola que se destaca pela forma como lida com o processo de inclusão de alunos surdos. Como objetivo secundário o estudo buscou investigar as possíveis adaptações didáticas, de orientação e de comando nas aulas definindo, assim, alguns desafios encontrados pelos professores, intérpretes e alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi de corte transversal e de objetivo exploratório observacional e de análise documental cuja amostra foi composta por gestores, professores e estudantes, em especial, os estudantes surdos matriculados do Colégio Municipal Prefeito Marcello Drable no município de Barra Mansa – RJ. A partir desse trabalho, foi possível verificar que a escola que foi objeto deste estudo oferece uma adequada estrutura curricular e está continuamente buscando melhorias e recursos para o atendimento aos alunos surdos e oferece suficiente amparo para o seu desenvolvimento intelectual, afetivo e motor, demonstrado pelo seu planejamento futuro de se tornar bilíngue.

**Palavras-chave:** Adequação curricular; inclusão escolar; surdos.

## **ABSTRACT**

This work came up with the proposal to identify the place that the deaf student occupies in the school environment and how to insert them in the classes, taking as reference a school that stands out for the way it deals with the process of inclusion of deaf students. As a secondary objective, the study sought to investigate the possible didactic, orientation and command adaptations in class, thus defining some challenges encountered by teachers, interpreters and deaf students and listeners in the school environment. The methodology used was cross - sectional and observational exploratory and documentary analysis whose sample was composed by managers, teachers and students, in particular, the deaf students enrolled at the Colégio Municipal Prefeito Marcello Drable in the municipality of Barra Mansa - RJ. From this study, it was possible to verify that the school that was the object of this study offers an adequate curricular structure and is continuously seeking improvements and resources for the care of deaf students and offers sufficient support for their intellectual, affective and motor development, demonstrated by his future planning to become bilingual.

**Key Words:** Curricular adequacy; school inclusion; deaf.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2. MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>6</b>
<b>3. INCLUSÃO DOS SURDOS .....</b>	<b>6</b>
3.1. Surdez e deficiência auditiva.....	8
<b>4. A ESCOLA E O PROCESSO DE INCLUSÃO: observações do campo .....</b>	<b>10</b>
<b>5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>18</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>
<b>ANEXO A: Orientações pedagógicas quanto ao trabalho com alunos surdos .....</b>	<b>23</b>
<b>ANEXO B: Atividade feita com a turma de 2º ano do ensino fundamental pelo professor de Libras.....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O princípio da educação especial, recomendado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) sobre educação de pessoas deficientes, afirma que as pessoas deficientes devem receber da comunidade serviços adaptados às suas necessidades pessoais específicas e mediante descentralização e setorização de serviços, as necessidades das pessoas deficientes devem ser consideradas e atendidas dentro da comunidade à qual pertencem essas pessoas. Reforçado pelos princípios diretores da Declaração Sundberg, evento internacional na área da educação especial, a Conferência Mundial sobre as Ações e Estratégias para a Educação, Prevenção e Integração dos Impedidos, à qual compareceram 103 países, entre eles o Brasil e realizada em Torremolinos, na Espanha, em 1981, Ano Internacional das Pessoas Deficientes, foi o início de uma década destinada a estimular o cumprimento dos direitos das pessoas com deficiência à educação, à saúde e ao trabalho. (CARVALHO, 2002)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo realizado em 2010, 9,7 milhões de pessoas têm deficiência auditiva no Brasil, sendo que 2.147.366 milhões apresentam deficiência auditiva severa e 344,2 mil são surdas. (IBGE, 2010) No Brasil, em 2013, foram registradas 69.507 matrículas de estudantes com surdez e com deficiência auditiva na Educação Básica. Desse total, 56.979 estão matriculados nas escolas comuns de ensino regular, sendo 25.362 estudantes com surdez e 31.617 com deficiência auditiva. (BRASIL, 2015)

O objetivo desse trabalho foi o de identificar o lugar que o aluno surdo ocupa no ambiente escolar e como se dá sua inserção nas aulas tomando como referência uma escola que se destaca pela forma como lida com o processo de inclusão de alunos surdos. Como objetivo secundário o estudo buscou investigar as possíveis adaptações didáticas, de orientação e de comando nas aulas definindo, assim, alguns desafios encontrados pelos professores, intérpretes e alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa científica é a aplicação prática de um conjunto de procedimentos objetivos cuja organização estrutural deve seguir protocolo (FONTELLES, 2008). Este estudo de finalidade básica teve suporte teórico na revisão dos conceitos e dos avanços da legislação brasileira e internacional acerca da inclusão social e escolar dos surdos. A metodologia utilizada foi de corte transversal e de objetivo exploratório observacional e de análise documental cuja amostra foi composta por gestores, professores e estudantes, em especial, os estudantes surdos matriculados do Colégio Municipal Prefeito Marcello Drable no município de Barra Mansa – RJ. Caracterizado por uma abordagem qualitativa o estudo buscou o entendimento dos procedimentos e da cultura do local por meio de visitas à referida escola.

O projeto foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em seres Humanos do UniFOA sob o número 94356418.0.0000.5237.

## 3. INCLUSÃO DOS SURDOS

A inclusão de pessoas surdas requer considerar a relação que estas pessoas estabelecem com o mundo oralizado, e compreender a relação interpessoal surdo-ouvinte, tendo em vista que a inclusão não é um processo que se dá isoladamente. (ALVES e MOREIRA, 2016)

No caso da educação de surdos, é necessário que se faça a interação com o ouvinte e seu universo. Para Felix (2008) “o fato de os sujeitos surdos compartilharem o mesmo espaço escolar que os ouvintes não lhes garante acesso efetivo às experiências de aprendizagem”.

Strapasson (2007) destaca que a Educação Física para deficientes auditivos/surdos deve englobar:

Demonstrações práticas das atividades; o professor deverá ter noção de LIBRAS; deve falar sempre de frente para o aluno e falar devagar para que ele possa fazer a leitura labial; utilizar bandeiras ou sinais visuais ao invés de apitos (...) proporcionando melhor desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo.

Cabe aqui destacar que não são todos os alunos surdos que fazem leitura labial.

No Brasil, o acesso à educação para os surdos começou no governo de Dom Pedro II, com a criação da primeira escola de educação de meninos surdos em 1857 no Rio de Janeiro, antiga capital do País. No ano anterior, em 1856, o professor francês surdo Ernest Huet trouxe o alfabeto manual e alguns sinais de seu país para o Brasil e, juntamente com os surdos brasileiros, produziram a Língua Brasileira de Sinais (Libras). (MONTEIRO, 2006) Atualmente, temos o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), na estrutura do MEC, como centro de referência nacional na área da surdez. (INES)

Apesar disso, apenas em 2002 a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no país com a Lei nº 10.436, considerando-a como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002)

A portaria nº 3284, de 7 de novembro de 2003, dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas com deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições. Quanto aos alunos deficientes auditivos/surdos, é compromisso formal da instituição, no caso de vir a ser solicitada e até que o aluno conclua o curso:

a) de propiciar, sempre que necessário, intérprete de língua de sinais/língua portuguesa, especialmente quando da realização e revisão de provas, complementando a avaliação expressa em texto escrito ou quando este não tenha expressado o real conhecimento do aluno; b) de adotar flexibilidade na correção das provas escritas, valorizando o conteúdo semântico; c) de estimular o aprendizado da língua portuguesa, principalmente na modalidade escrita, para o uso de vocabulário pertinente às matérias do curso em que o estudante estiver matriculado; d) de proporcionar aos professores acesso a literatura e informações sobre a especificidade linguística do portador de deficiência auditiva.

Em 2005, com o decreto nº 5.626, a Libras passou a ser inserida com disciplina curricular obrigatória nos cursos de licenciatura nas diferentes áreas do conhecimento. (BRASIL, 2005)

A lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras. Entre suas atribuições no exercício de suas competências, está “interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa,

as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares”. (BRASIL, 2010)

A inclusão, segundo Mantoan (2003) é entendida como uma inserção na escola num contexto global e sistemático, no qual todo aluno, sem exceção, deve cursar o ensino regular. Para Freire (2008) a inclusão se trata de um movimento educacional que visa defender o direito de todo indivíduo a ter sua participação na sociedade sendo respeitado no que o difere dos outros. A autora defende, também, o direito ao acesso de todos a uma boa educação para que sejam capazes de desenvolver suas capacidades.

Vieira (2017) aponta a experiência que mostra que as escolas e os atores envolvidos no processo da inclusão escolar de alunos com deficiência, em especial os alunos surdos, enfrentando enormes desafios estruturais e atitudinais, mas buscando soluções que devem ser disseminadas, principalmente quando se obtém relativo êxito. Neste sentido, importa conhecer a surdez e suas principais características.

### **3.1. Surdez e deficiência auditiva**

O decreto nº 5.626, considera a pessoa surda como aquela que “por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais”. (BRASIL, 2005)

A pessoa com déficit auditivo é aquela que possui perda auditiva leve ou moderada. Para essas pessoas, é recomendado o uso de aparelhos auditivos para o reconhecimento da voz humana. (CARMONIZE E NORONHA, 2012)

A perda auditiva pode ocorrer por diversos motivos. Quanto à perda auditiva sensorineural, que é uma perda irreversível e se dá em caso de impossibilidade de percepção do estímulo sonoro por lesão coclear, podemos dividir em três fases que possuem maior incidência: pré-natais, perinatais e pós-natais.

As causas pré-natais, no caso em que a surdez é adquirida através da mãe no período gestacional, são: hereditárias, quando há casos de surdez na família devido a síndromes ou origens cromossômicas; congênita, sendo, no Brasil, a rubéola a causa mais comum; e causas desconhecidas, quando não consegue definir o motivo

específico. As causas perinatais, quando a surdez é adquirida por problemas no parto, englobam: prematuridade ou baixo peso ao nascer, trauma no parto, anóxia (falta de oxigenação no cérebro), e eritroblastose fetal. As causas pós-natais, em que a surdez é causada por problemas após o nascimento, são: adquiridas, por consequência de meningite, sarampo ou caxumba, sendo a primeira a mais incidente no Brasil; drogas ototóxicas, quando o uso de antibióticos pode causar danos ao sistema auditivo; traumas físicos que afetam o osso temporal ou traumas acústicos. (CARMONIZE E NORONHA, 2012)

O diagnóstico da perda auditiva é feito através do comumente conhecido como Teste da Orelhinha, que é oferecido gratuitamente e é obrigatório desde agosto de 2010, devendo ser realizado no segundo ou terceiro dia de vida. (BRASIL)

As médias limiares utilizadas para diferenciar os graus de perdas auditivas podem sofrer diferenciações entre autores. Carmonize e Noronha (2012) utilizam, quanto á classificação, a identificação e as médias limiares o quadro abaixo:

#### **Quadro 1 - CLASSIFICAÇÃO DE PERDAS AUDITIVAS QUANTO AO GRAU**

Identificação	Classificação	Médias limiares
Ouvinte	Audição normal	0 a 25 dB
Pessoa com déficit auditivo	Perda leve	26 a 40 dB
	Perda moderada	41 a 70 dB
Surdo ou pessoa com surdez	Perda severa	71 a 90 dB
	Perda profunda	A partir de 91 dB

Fonte: Carmonize e Noronha, 2012

Carmonize e Noronha (2012) explicam o porquê de o termo “deficiente” ser rejeitado pelos Surdos:

Os surdos não se consideram deficientes, mas distintos de uma língua diferenciada e específica conhecida como Libras. Por também constituir uma minoridade linguística, equiparam-se a estrangeiros, no entanto vale ressaltar que a língua de sinais é gestual e não oral como a língua portuguesa. Sendo assim, embora os surdos se definam como “estrangeiros” dentro do seu próprio país, têm a desvantagem em relação ao aprendizado de uma segunda língua, no caso português, como acontece com imigrantes de outros países.

A experiência nos estágios mostra que muitos profissionais não se sentem adequadamente preparados para lidar com a inclusão na escola, pois muitos não possuem especializações nessa área, entretanto o Colégio Prefeito Marcello Drable

tornou-se referência na cidade de Barra Mansa, localizada no sul fluminense, como modelo de inclusão de alunos surdos razão para ter sido o lócus dessa pesquisa.

#### **4. A ESCOLA E O PROCESSO DE INCLUSÃO: observações do campo**

O Colégio Municipal Prefeito Marcello Drable foi construído durante a administração do prefeito Marcello Fonseca Drable em 1968. Há 36 anos atrás o colégio contratou uma professora cujo filho era surdo, embora ainda não estivesse em idade escolar, a presença daquela criança serviu como motivação para o começo da história de inclusão de surdos na escola.

Naquela época, a escola obteve apoio financeiro externo para a construção de uma sala com uma acústica preparada para fonoaudiologia para posteriormente atender o primeiro aluno surdo incluído na escola que recebeu a educação baseada no oralismo. A partir desse aluno, outros responsáveis começaram a procurar o colégio para matricular seus filhos surdos, incluindo pessoas de outros municípios. Vale ressaltar que o primeiro aluno surdo incluído em uma turma regular no Brasil foi exatamente neste Colégio Marcello Drable.

A partir de 1996, os profissionais da escola interessaram-se em procurar cursos e especializações em Libras para melhor atender a demanda dos alunos surdos que a escola estava recebendo. Vale ressaltar que foi apenas em 2002 que a Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no país, porém, a escola já havia percebido a necessidade de se aprender sobre essa língua devido à crescente demanda de alunos surdos na escola. Em 2005, houve o contrato de intérpretes na escola para mediar a comunicação entre os professores e alunos surdos. Finalmente, em 2010, com a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete de Libras, houve o primeiro concurso público de Barra Mansa a contar com o cargo de intérpretes. As informações acima citadas foram disponibilizadas pela diretora escola.

Hoje, os alunos surdos do colégio recebem uma educação bilíngue, ou seja, baseada no aprendizado de Libras como sua primeira língua e a Língua Portuguesa como sua segunda língua. O colégio, que possui um projeto para tornar-se um colégio bilíngue dentro de alguns anos, oferece aula de Libras para todas as turmas do 1º ao 9º ano, para os professores, pais dos alunos e para a comunidade em geral. Essas aulas são realizadas uma vez por semana e são planejadas para que

os alunos possam conhecer a história da surdez, a cultura e comunidade surda, além da Libras.

Lacerda (2014) diz que o ambiente escolar só será considerado bilíngue quando interagirem diferentes pessoas, usuárias das duas línguas (Libras e Português), e a criança surda, assim como a ouvinte, tiver contato com diferentes usuários de Libras, de diferentes faixas etárias e domínios de uso, para constituir-se interlocutora em situações de comunicação social efetivas, e não apenas artificialmente organizadas para sua aprendizagem.

Atualmente, a escola possui um total de 820 alunos, sendo 102 alunos de inclusão e, destes, 28 alunos são surdos. Além da inclusão dos alunos surdos, a escola também tem matriculados alunos autistas, com síndrome de Asperger, síndrome de Down, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e dificuldade acentuada de aprendizagem.

As adequações para os alunos surdos são feitas de acordo com a necessidade do aluno, podendo ser de pequeno porte, quando podem ser realizadas pelos professores em sala de aula, ou adequações de grande porte, que necessitam da análise de equipe técnico-pedagógica da escola e do Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado (CEMAE). Alguns alunos necessitam apenas da adequação de tempo de prova, ou intérprete em sala de aula, enquanto outros, que às vezes possuem mais de uma comorbidade, precisam de mais adaptações.

A escola possui uma ficha de adequação curricular que é utilizada para auxiliar os professores e a equipe pedagógica quanto à anotação do planejamento, estratégias utilizadas e relatório dos alunos de inclusão. Essa ficha é preenchida por bimestre e o professor sinaliza se o educando conseguiu seguir a mesma proposta pedagógica/ planejamento oferecido à turma, descreve as estratégias utilizadas, assinala as adequações necessárias (pequeno ou médio porte) e, ao final, faz o registro dos avanços alcançados com esses alunos. A ficha serve para acompanhamento desses alunos, afim de identificar suas dificuldades e progressões para observação de seu desenvolvimento ao longo do ano.

Os alunos surdos recebem também o Atendimento Educacional Especializado (AEE) de surdez que conta com profissionais com formação específica para trabalhar com o aluno surdo e é realizado no contraturno das aulas. O AEE possui três divisões: **AEE de Libras**, no qual os alunos surdos tem aula de Libras,

favorecendo o conhecimento e aquisição principalmente de termos científicos, sendo o professor preferencialmente surdo; **AEE em Libras**, no qual todos os conhecimentos dos diferentes conteúdos curriculares, são explicados nessa língua por um professor; e **AEE de Língua Portuguesa**, no qual são trabalhadas as especificidades dessa língua para os alunos surdos. (DAMÁZIO, 2007)

A escola possui um documento com orientações gerais para o trabalho com os alunos inclusos. No que diz respeito aos alunos com deficiência auditiva/surdos, a sugestão para a organização das atividades inclui:

- Trazer o aluno para as primeiras carteiras, falar com clareza, evitando cobrir a boca ou virar de costas para a turma, para permitir a leitura orofacial no caso dos alunos que sabem fazê-lo;
- Dar preferência ao uso de recursos visuais nas aulas, como projeções e registros no quadro; ensinar por meio de uma abordagem visual forte e usar materiais concretos e práticos para superar problemas com linguagem, conceitos abstratos e habilidades de resolução de problemas;
- Corrigir a prova escrita de maneira diferenciada, levando em consideração o que está proposto na portaria nº3284/03 do MEC, que diz respeito a flexibilidade na correção das provas escritas, valorizando o conteúdo semântico;
- Propor avaliações mais objetivas, ou realizar avaliações orais com a tradução do intérprete de Libras, nas quais, caso necessário, podem ser filmadas ou gravadas em áudio para ficarem registradas;
- Flexibilização do tempo e diferenciação da metodologia, caso o aluno tenha grandes dificuldades com a interpretação da língua portuguesa escrita;
- Evitar prova surpresa sobre o conteúdo da aula do dia, justamente pelo tempo necessário para internalização do conteúdo pelo aluno.

A escola apresenta, também, um documento que se refere as atribuições do professor em sala regular com relação ao aluno surdo, do Intérprete Educacional, dos professores do AEE, orientações para alunos surdos, aos pais e orientações sobre como avaliar o aluno Surdo. Além disso, a escola possui um documento que explica os pré-requisitos básicos para a aprovação de alunos surdos em cada ano de acordo as diferentes disciplinas, como será demonstrado a seguir.

No dia **13/6/2018 (primeira aula)**, acompanhamos uma aula de educação física de uma turma de 2º ano do ensino fundamental na qual havia uma aluna surda com vocabulário restrito de Libras, o que dificultava sua comunicação com a professora. A professora possuía um vocabulário básico de Libras aprendido nas aulas ofertadas para os professores na escola. A aula teve como tema a copa do mundo e os alunos foram levados para a quadra da escola onde foi proposto aos alunos que pintassem a mascote da copa. A aluna demonstrou fácil relacionamento com os demais alunos, que se comunicavam utilizando gestos e apontando objetos. Embora disponibilizada, a intérprete de Libras para essa aluna não a acompanhou nesta aula de Educação Física. Percebeu-se que coube à professora comunicar-se com a aluna.

A **segunda aula** que nós acompanhamos uma turma de 4º ano do ensino fundamental na aula de Educação Física que possui três alunos surdos. A intérprete responsável por essa turma foi para a quadra para acompanhar os alunos surdos. No início da aula, a professora explicou o que seria feito durante a aula para a turma e a intérprete ia traduzindo para os alunos surdos. Em seguida, teve um jogo de futsal em comemoração a Copa do Mundo. Durante o jogo, os alunos surdos não precisaram da mediação da intérprete, pois eles conseguiram compreender o que seria realizado a partir do momento em que os outros alunos iniciaram a atividade, entendendo claramente as regras e o que era para ser feito. A adaptação necessária nessa aula para os alunos surdos foi referente ao início e ao final do jogo, pois, ao usar o apito, a professora precisou ir à frente dos alunos surdos e fazer um sinal demonstrando que o jogo havia começado. Os três alunos se relacionam bem com o restante da turma e participaram de todas as atividades propostas no dia.

A **terceira aula** acompanhada foi uma turma de 1º ano do ensino fundamental, também em uma aula de Educação Física com tema da Copa do Mundo. A turma possui um aluno surdo e com Síndrome de Down que contavam com uma intérprete e com o auxílio de uma mediadora, respectivamente. Percebemos que houve uma dificuldade maior nesse caso, pois o aluno ainda não sabia Libras, o que dificultou a comunicação com a intérprete. O aluno saiu na metade da aula, pois sua carga horária na escola era reduzida, pois estava em fase de adaptação.

A **quarta aula** acompanhada foi de uma turma de 9º ano do ensino fundamental em uma aula de História com duas alunas surdas, mas apenas uma aluna estava presente. A professora disponibilizou um material impresso para a aluna surda que possuía explicação da matéria utilizando muitas figuras para facilitar o aprendizado. A aluna possui uma intérprete em sala fazendo a tradução da explicação da professora, porém, em um momento, a intérprete precisou sair da sala e a aluna se dispersou, perdendo o foco do conteúdo da matéria. Nesta situação, percebeu-se a importância do intérprete para a mediação entre o professor e o aluno surdo, sendo indispensável sua atuação. O relacionamento da aluna se deu exclusivamente com a intérprete durante essa aula, pois se tratava de uma aula teórica na qual todos os alunos estavam prestando atenção na professora. Ao final da aula, a professora entregou os testes feitos pelos alunos, no qual a aluna surda obteve um ótimo aproveitamento, fazendo questão de nos mostrar o teste e a nota alcançada.

A **quinta aula** acompanhada foi de uma turma de 6º ano do ensino fundamental em uma aula de Português com uma aluna surda, que se encontra em processo de adaptação a língua portuguesa. Para o ensino são realizadas atividades adaptadas (exercícios específicos para essa aluna) facilitando a aprendizagem, tendo o apoio também de sua intérprete de língua de sinais, traduzindo a explicação da professora para ela. A aluna surda tinha como objetivo realizar a tarefa dada pela professora e em seguida levar até ela para fazer a correção. Durante esta observação, notamos que a professora de português teve uma resistência no início com a nossa presença.

A **sexta aula** acompanhada foi de História nessa mesma turma de ensino fundamental onde observamos a relação da professora com a aluna surda. Nessa disciplina, diferentemente da língua portuguesa, a aluna surda conseguia acompanhar as aulas junto com o restante da turma, tendo a intérprete de língua de sinais apenas para a tradução da fala da professora em relação ao conteúdo ensinado. Foi observado também o desempenho da aluna em relação a ausência da intérprete, pois quando a mesma teve que se ausentar, a aluna surda se dispersava e não obtinha mais a concentração igual quando a intérprete estava presente. Vale destacar que essa professora tem o domínio da Língua de Sinais.

No **dia 4/9/2018 (sétima aula)**, ao retornarmos à turma de 2º ano do ensino fundamental para observação da aula de Libras oferecida pela escola, notamos uma grande evolução da aluna quanto à sua comunicação utilizando Libras. A aluna já conseguia se comunicar bem com a intérprete e com o professor surdo que ministra as aulas de Libras na escola. Para essa aula, o professor preparou uma folha que foi entregue a todos os alunos e que possuía quatro desenhos: pai, mãe, esposa e irmã, nos quais havia o nome de cada um escrito em português, os sinais em Libras das letras e o sinal respectivo da palavra em Libras. Em seguida, o professor explicou cada imagem para a turma, mostrando os sinais e tirando suas dúvidas. O professor contou com a ajuda da intérprete para traduzir sua fala para os alunos ouvintes. A turma demonstrou bastante interesse na aula, participando ativamente no que foi proposto pelo professor. Percebemos que a aluna surda possui uma amiga que senta perto dela e que já consegue se comunicar utilizando Libras com ela. No entanto, os alunos pedem ajuda para a intérprete quando querem se comunicar com o professor, pois não sabem qual sinal utilizar.

A **oitava aula** que acompanhamos foi de uma turma de 7º ano do ensino fundamental em uma aula de Ciências com duas alunas surdas. A professora disponibilizou um material exclusivo para essas alunas que possuía a explicação da matéria que seria explicada no dia, com bastantes figuras e atividades diferenciadas. As alunas estudam o mesmo conteúdo da aula da turma, porém realizam atividades adaptadas. Enquanto a professora escrevia matéria no quadro, as alunas estavam realizando as atividades trazidas por ela. Durante a explicação da matéria, a intérprete traduzia para as alunas a fala da professora que estava posicionada no centro da sala, mas quando a intérprete precisou sair da sala, a professora se aproximou das alunas e começou a falar mais devagar para que elas conseguissem fazer a leitura labial. A professora consegue se comunicar com as alunas utilizando Libras quando necessário, por exemplo, quando estava corrigindo as atividades das alunas e precisou mostrar o que precisava ser corrigido.

Assim, podemos observar que os desafios apresentados pelos professores vão desde a relação com os alunos até às adaptações das aulas e das atividades. Por não dominarem a Libras, os professores não conseguem se aproximar e desenvolver uma relação mais afetiva com os alunos surdos, pois o processo de

ensino-aprendizagem é mediado pelo intérprete, que é quem cria e mantém uma relação direta com esses alunos.

O grau de interesse em estudar e se ocupar com a inclusão dos alunos surdos varia entre os professores. Foi possível perceber que alguns professores conseguem interagir com os alunos surdos mesmo sabendo apenas o básico de Libras ou criando outros meios para se comunicar.

Quanto às aulas, todos os alunos aprendem o mesmo conteúdo, porém, sendo o nível intelectual diferente, não é possível que o professor cobre o mesmo de todos. O professor precisa criar e adaptar as atividades que dependem de recursos materiais, como impressões e vídeos, mas que, em algumas vezes, não estão disponíveis.

As aulas de Libras oferecidas pela escola são ministradas por um professor surdo que elabora os materiais didáticos para utilizar em suas aulas, mas que também depende de recursos materiais nem sempre disponíveis porque a escola não consegue arcar com os custos de impressões e impossibilitando o professor de desenvolver suas atividades. Em muitas ocasiões, o próprio professor precisa assumir esse gasto para ter o material completo.

Ainda sobre a aula de Libras, dentro da sala de aula é difícil manter o controle da turma, por ser um professor surdo ele necessita da atenção dos alunos que as vezes se perdem conversando. Para a aula prosseguir o professor necessita da intervenção do (a) intérprete para chamar a atenção dos alunos para voltem os seus olhos para o professor. É possível que fosse necessária a presença de uma voz ativa, para houvesse controle maior sobre a turma, ou a presença de uma pessoa para auxiliar o professor surdo que, neste caso, poderia ser um professor ouvinte, que intercedesse no momento que a turma se dispersasse, porém, muitos professores não acompanham as aulas.

Alguns desafios são identificados como as dificuldades dos alunos surdos e ouvintes se relacionarem pelo fato de se esquecerem que o colega ser surdo e só se comunicar por meio da Libras, o que confirma a pesquisa de Lacerda (2006) que aponta que uma das maiores dificuldades na inclusão de alunos surdos está em oportunizar uma cultura de colaboração entre eles e os ouvintes.

Os desafios mais observados neste estudo de campo foram: i- a diferença de cultura, pois o surdo deixa de vivenciar a cultura surda e passa a viver a cultura do

ouvinte, se relacionando mais com os ouvintes e perdendo o interesse pelos costumes da cultura surda, incorporado as ações praticadas pelos ouvintes e ii - o processo de ensino-aprendizagem ser prejudicado por eles não conseguirem acompanhar a evolução da turma.

Será que seria diferente em uma escola para surdos, onde a maioria apresentasse dificuldades similares, o ensino fosse adaptado para todos e a comunicação fosse ampla e a igual para todos, além de aprenderem a história e vivenciarem a cultura surda?

Carmonize e Noronha (2012) abordam alguns problemas em relação ao atendimento educacional especializado para o surdo: i - a baixa frequência dos alunos surdos, por se tratar de um atendimento realizado no contraturno, muitos alunos não retornam à escola para o AEE; ii – o pequeno número de salas de AEE, no que diz respeito à quantidade de escolas que possuem esse espaço para o atendimento, pois quando não há, os alunos precisam migrar para a unidade escolar mais próxima; iii – a falta de profissionais especializados na área da surdez; iv - pouco espaço físico nas escolas para a implementação das salas de atendimento; v - sala de AEE com um único professor para atender toda a demanda escolar; vi - impossibilidade de atendimento diário devido à falta de profissionais especializados e espaços específicos para as atividades.

Ao compararmos as dificuldades acima apontadas com a realidade encontrada no Colégio Marcello Drable, verificamos que, quanto à baixa frequência dos alunos no AEE, a escola se organizou para criar um horário que facilite essa presença dos alunos, de modo que os horários do atendimento sejam próximos ao horário do almoço de forma que os alunos que estudam de manhã almoçam na escola e fiquem direto para o atendimento, assim como os alunos que estudam à tarde cheguem antes para o atendimento, almoçam na escola e ficam para a aula. Quanto à sala especializada para o AEE, o atendimento é feito com a periodicidade de duas vezes por semana por aluno e embora a escola possua apenas uma desta sala, algumas vezes, disponibiliza outras salas regulares para o atendimento. Em relação à falta de profissionais, a escola possui cinco profissionais especializados, sendo 1 para AEE de Libras, 2 para AEE em Libras e 2 para AEE de Língua Portuguesa.

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da observação, nota-se a importância da inclusão escolar que oportunize aos alunos surdos as condições para aprender equiparadamente aos ouvintes. Cada aluno surdo tem suas características individuais e sua maneira de aprender, mas vale ressaltar que, o objetivo maior da inclusão é o de fazer com que eles aprendam a conviver na sociedade que estão inseridos. Das várias atividades realizadas, muitas não eram apenas de conteúdo específicos de disciplina como português, matemática, ciências ou história, havia também o cuidado de ensinar aspectos para auxiliar nas atividades de vida diária, como saber seu próprio nome e de seus familiares, nome do bairro onde mora, para autonomia de locomoção como pegar o ônibus certo, os nomes dos professores, todas tarefas simples cuja importância não é percebida pelas pessoas ouvintes, mas são de extrema relevância para os alunos surdos.

Outro aspecto interessante é o fato de que o nível de adequação pode variar conforme as disciplinas e quanto aos bimestres, ou seja, o mesmo aluno pode precisar de níveis diferentes de adequação para a mesma disciplina nos diferentes bimestres, assim como o nível de adequação pode variar de acordo com as disciplinas. Assim, a partir da análise de documentos e das observações realizadas, percebemos que as disciplinas nas quais os alunos surdos apresentam maiores dificuldades são: português, inglês e matemática. Nas demais disciplinas, os alunos demonstraram maior facilidade de aprendizagem e acompanhamento da turma.

É importante salientar que dos 13 alunos surdos com os quais tivemos acesso à informação referente ao ano de escolaridade e à data de nascimento, do 1º ao 7º ano do ensino fundamental, todos estão em distorção idade/série, tendo como referência a idade citada pela LDB, lei nº 9.394, de 6 anos para o início do ensino fundamental (BRASIL, 1996), entretanto chama a atenção e torna-se relevante destacar que foi observado um aluno surdo do 9º ano é o aluno destaque da turma, ou seja, ele possui o melhor desempenho perante os demais alunos surdos e os ouvintes.

Quanto ao desenvolvimento das aulas e organização das atividades para os alunos surdos, percebemos que estão sempre sentados nas primeiras carteiras ou, no caso das aulas práticas, próximos ao professor. Os professores falam com

clareza e utilizam recursos visuais nas aulas, assim como levam materiais teóricos exclusivos para esses alunos, com muitas figuras e vocabulário claro, além de haver diferenciação da metodologia utilizada com esses alunos, assim como é orientado pela escola no documento de orientações gerais para o trabalho com alunos surdos.

O relacionamento e a comunicação entre os alunos surdos é maior entre eles e com os intérpretes, porém observou-se que alguns dos professores se importam e se esforçam mais tentando se comunicar com eles, assim como alguns dos alunos ouvintes que também se esforçam para estabelecer comunicação com os surdos.

## **6. CONCLUSÃO**

A escola que foi objeto deste estudo oferece uma adequada estrutura curricular e está continuamente buscando melhorias e recursos para o atendimento aos alunos surdos e oferece suficiente amparo para o seu desenvolvimento intelectual, afetivo e motor, demonstrado pelo seu planejamento futuro de se tornar bilíngue.

Embora a referida escola desenvolva inúmeras atividades que promovam a inclusão de seus alunos surdos, percebe-se que ainda há necessidade de preparo dos professores para este fim, como, por exemplo, se todos os professores soubessem Libras facilitando a comunicação direta com os alunos surdos.

A partir da observação realizada, foi possível perceber que os alunos surdos possuem uma maior independência nas aulas práticas de Educação Física quando comparadas as demais aulas observadas, visto que eles conseguiram entender mais facilmente o que precisava ser feito e conseguiram acompanhar os demais alunos durante a realização das atividades, sem precisar da mediação do intérprete o tempo todo. A Educação Física enquanto disciplina tem caráter transformador, pois, em seu contexto, consegue dialogar com outros temas além de desenvolver um trabalho corporal, mental e social. Sendo assim, percebemos que o ambiente e a maneira de ensinar Educação Física proporcionam uma melhor participação dos alunos surdos com o professor e com os demais alunos.

O estudo de Pereira e Tommaso (2017) sobre inclusão das pessoas com deficiência demonstra que avança em consonância com os avanços legais que

garantem o direito à educação, à saúde e ao trabalho, entretanto é fundamental identificar o lugar que o aluno surdo ocupa no ambiente escolar e como se dá sua inserção nas atividades propostas pela escola. Os desafios enfrentados por todos os atores deste processo devem ser analisados e discutidos com o objetivo de encontrar soluções conjuntas e, portanto, eficazes, para o qual este estudo pretendeu contribuir.

## 7. REFERÊNCIAS

- ALVES, G. S.; MOREIRA, T. U. C. B. Os direitos alcançados pelas pessoas com deficiência auditiva no Brasil. **Revista Eletrônica da UNIVAR**, v. 2, n. 16, p. 74–80, 2016.
- BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.
- BRASIL. **Lei nº 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Libras. Brasília, 2010.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Exames da Triagem Neonatal**. Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-da-crianca/pre-natal-e-parto/exames-de-triagem-neonatal>. Acesso em 18/09/2018.
- BRASIL. **Orientações para implementação da política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. 2015. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=17237-secadi-documento-subsidiario-2015&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17237-secadi-documento-subsidiario-2015&Itemid=30192). Acesso em 28 set 2018.
- BRASIL. **Portaria nº 3.284**, de 7 de novembro de 2003. Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições. Brasília, 2003
- BRITO, F. B. de. O movimento surdo no Brasil: a busca por direitos. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, p. 766–769, ago. 2016.
- CARMOZINE, M. M.; NORONHA, S. C. C. **Surdez e Libras**: conhecimento em suas mãos. São Paulo: Hub Editorial, 2012.
- CARVALHO, Rosita. **A nova LDB e a educação especial**. 3 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.
- DAMÁZIO, M. F. M. Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Surdez. Brasília: Cromos, 2007.
- FÉLIX, A. **Surdos e ouvintes em uma sala de aula inclusiva: interações sociais, representações e construções de identidades**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. **Revista da Educação**, v.16, n.1, p.5-20, 2008.
- FONTELLES, M.J.*et al.* Metodologia da Pesquisa Científica: Diretrizes para elaboração de um protocolo de Pesquisa. **Rev. para. med = Rev. Para. Med.** (Impr.);23(3), jul.-set. 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil**. 2012. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2125&busca=&t=censo-2010escolaridade-rendimento-aumentam-cai-mortalidade-infantil>>. Acesso em 23/04/2018.

- INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **O que fazemos**. Disponível em <<http://www.ines.gov.br/o-que-fazemos>>. Acesso em 15/10/2018
- LACERDA, C. B. F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência. **Cad. Cedes**, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.
- LACERDA, C. B. F. de. O que dizem/sentem alunos participantes de uma experiência de inclusão escolar com aluno surdo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 13, p. 257–280, 2007.
- LACERDA, C.B. F. de. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- LIMA, V. A. P. **A inclusão dos alunos surdos nas escolas regulares da rede pública de educação: uma questão lingüística**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- MALLMANN, F. M.; CONTO, J. de; BAGAROLLO, M. F.; FRANÇA, D. M. V. R. A Inclusão do Aluno Surdo no Ensino Médio e Ensino Profissionalizante: um Olhar para os Discursos dos Educadores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, p. 131–146, 2014.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MONTEIRO, M.S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 7, n.2, p.295-305, 2006.
- NOVAES, R. G. de; TRUGILLO, E. A. O aluno surdo no contexto do ensino regular. **Revista Eventos Pedagógicos** v. 2, n. 2, p. 210–219, 2011.
- OLAH, L. V. de A. S.; OLAH, N. C. S. O intérprete de Libras e a inclusão do surdo. **Revista Pandora Brasil**, n. 24, p. 1–6, 2010.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Documento das Nações Unidas A/36/766. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/deficiente/progam.htm>. Acesso em 27 set 2018.
- PEREIRA, Adilson; TOMMASO, Maria Cristina. **Avanços na inclusão/acessibilidade de pessoa com deficiência no ensino superior da região sul fluminense - Rio de Janeiro**. Anais do II Congresso Internacional de Direitos Humanos e Escola Inclusiva: múltiplos olhares. Escola Superior de Educação e Comunicação Universidade do Algarve Faro, 23-25 de fevereiro de 2017.
- PORTAL BRASIL. **Apesar de avanços, surdos ainda enfrentam barreiras de acessibilidade**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-ejustica/2016/09/apesar-de-avancos-surdos-ainda-enfrentam-barreiras-deacessibilidade>>. Acesso em 13/03/2018.
- SILVA, K. S. X.; OLIVEIRA, I. M. de. O Trabalho do Intérprete de Libras na Escola: um estudo de caso. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 3, p. 695–712, 2016.
- STRAPASSON, A. M; CARNIEL, F. A Educação Física na Educação Especial. **Revista Digital**, Buenos Aires, n. 104, 2007.
- SUBIRATS, J. Democracia, participación ciudadana y transformación social. **Democracia participativa y desarrollo humano**, v. 12, p. 1–10, 2005.
- UNESCO. Declaração de Salamanca. Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso E Qualidade, p. 49, 1994.
- VIEIRA, C. C. **Desafios para a inclusão do aluno surdo no ensino regular**. 2017. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, 2017.

**ANEXO A: Orientações pedagógicas quanto ao trabalho com alunos surdos**

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA MANSA

**COLÉGIO MUNICIPAL PREFEITO MARCELLO DRABLE**

Rua Maria Luiza Gonzaga, nº. 135, Ano Bom, Barra Mansa, R.J.

Telefone: (24) 3322-3985 – E-mail: [cmmarcellodrable@barramansa.rj.gov.br](mailto:cmmarcellodrable@barramansa.rj.gov.br)

**FICHA DE ADEQUAÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL**

**1) IDENTIFICAÇÃO DO EDUCANDO:**

Nome Completo do Aluno: Data de Nascimento:	
Deficiência/Diagnóstico:	
Disciplina:	Ano de escolaridade/Turma/Turno:
Escola:	Professor (a):
Bimestre:	Ano Letivo:

*O aluno não constrói significados a partir dos conteúdos de aprendizagem sozinhos, mas, em uma situação interativa, na qual os docentes têm papel essencial, já que qualquer que coisa façam ou deixem de fazer é determinante para que o aluno aprenda ou não de forma significativa.*

(MEC, 203 p.161)

**2) PLANEJAMENTO, ESTRATÉGIAS E RELATÓRIO DESCRITIVO BIMESTRAL:**

2.1– O educando segue a mesma proposta pedagógica/ planejamento oferecido à turma?

- Sim, totalmente.
- Sim, com apoio/intervenção
- Não acompanha. Necessita de adequações curriculares.
- Não acompanha. Necessita de adequações curriculares e agente de apoio.

2.2 - Indicar quais estratégias pedagógicas de ensino/procedimentos, adequações de materiais e recursos de acessibilidade serão utilizados de modo a privilegiar a aprendizagem do educando com deficiência e/ou transtorno.

OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS/ PROCEDIMENTOS	VALOR	AVALIAÇÃO	NOTA

**LEGENDA PARA AVALIAÇÃO:**

**RS**(realiza satisfatoriamente)    **RP**(realiza parcialmente)    **CA**(realiza com ajuda)

2.3 - Assinale as adequações sugeridas nos tópicos abaixo, podendo ser apontado mais de um item por tópico.

Adequações Curriculares de Pequeno Porte (Não-Significativas)	Adequações Curriculares de Grande Porte (Significativas)
<p><b><u>Organizativas:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Organização dos agrupamentos de alunos (tamanho/homogeneidade/heterogeneidade)</li> <li><input type="checkbox"/> Organização dos recursos didáticos</li> <li><input type="checkbox"/> Organização do espaço físico e condições ambientais</li> </ul> <p><b><u>Relativas aos Objetivos e Conteúdos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Priorização de áreas ou unidades de conteúdos</li> <li><input type="checkbox"/> Priorização de tipos de conteúdos</li> <li><input type="checkbox"/> Priorização de objetivos</li> <li><input type="checkbox"/> Reformulação da seqüência de conteúdos</li> <li><input type="checkbox"/> Eliminação de conteúdos secundários</li> </ul> <p><b><u>Relativas aos Procedimentos Didáticos e Atividades</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Modificação de procedimentos</li> <li><input type="checkbox"/> Introdução de atividades alternativas às previstas</li> <li><input type="checkbox"/> Introdução de atividades complementares às previstas</li> <li><input type="checkbox"/> Modificação do nível de complexidade das atividades</li> <li><input type="checkbox"/> Eliminação de componentes das atividades</li> <li><input type="checkbox"/> Modificação da seqüência da tarefa</li> <li><input type="checkbox"/> Facilitação dos planos de ação</li> <li><input type="checkbox"/> Adaptação dos materiais utilizados</li> <li><input type="checkbox"/> Modificação da seleção dos materiais previstos</li> </ul> <p><b><u>Avaliativas:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Adaptação de técnicas, instrumentos e procedimentos</li> <li><input type="checkbox"/> Modificação de técnicas e instrumentos</li> </ul> <p><b><u>Relativas à Temporalidade:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Aumento do tempo previsto para o trato de determinados objetivos</li> <li><input type="checkbox"/> Diminuição do tempo previsto para o trato de determinados objetivos</li> </ul>	<p><b><u>Relativas aos Objetivos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Eliminação de objetivos básicos</li> <li><input type="checkbox"/> Introdução de objetivos específicos, complementares e/ou alternativos</li> </ul> <p><b><u>Relativas aos Conteúdos:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Introdução de conteúdos específicos, complementares ou alternativos (substituição)</li> <li><input type="checkbox"/> Eliminação de conteúdos básicos do currículo</li> </ul> <p><b><u>Relativas à Metodologia e Organização Didática:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Introdução de métodos e procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem</li> <li><input type="checkbox"/> Organização diferenciada da sala de aula</li> <li><input type="checkbox"/> Introdução de recursos específicos de acesso ao currículo</li> </ul> <p><b><u>Avaliativas:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Introdução de critérios específicos de avaliação</li> <li><input type="checkbox"/> Eliminação de critérios gerais de avaliação</li> <li><input type="checkbox"/> Adaptações de critérios regulares de avaliação</li> <li><input type="checkbox"/> Modificação dos critérios de promoção</li> </ul> <p><b><u>Relativas à Temporalidade:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série ou no ciclo (retenção)</li> </ul>

**ATENÇÃO:** As adequações curriculares de pequeno porte podem ser realizadas pelos professores, já as adequações curriculares de grande porte necessitam da análise da equipe técnico-pedagógica da escola e do CEMAÉ.

**\*O registro é de suma importância para validar as adequações.**





**Barra  
Mansa**

Prefeitura Municipal De Barra Mansa  
Colégio Municipal Prefeito Marcello Drable

## Orientações aos pais:

Esse caderno é de uso do aluno, devendo estar com ele todos os dias. Esse caderno servirá como meio de comunicação entre aluno x professor x intérprete x serviço de orientação pedagógica e educacional x responsável pelo aluno.

Dedique uma parte do seu dia para estudar com seu filho. Para que ele crie o hábito de estudos.

Estude com seu filho para as provas.

Demonstre interesse pelo que ele aprendeu, mostre entusiasmo e admiração pelo que ele conta para você.

Leia os avisos e as anotações do caderno diariamente.

Pergunte se ele precisa de ajuda, mas isso não significa que você fará o dever e a atividade para ele.

Respeite o ritmo do seu filho.

Caso necessite, venha até a escola e converse com a equipe pedagógica / educacional sobre seu filho, evite fazer isso por telefone e por mensagens no celular.

Participe da vida escolar do seu filho.

Estimule o aprendizado, converse e oriente seu filho. A educação vem de casa!

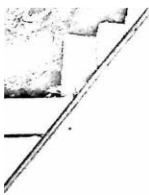
EQUIPE AEE SURDEZ 2018



### Orientações para alunos SURDOS

- ✓ Trazer e cuidar do material escolar todos os dias.
- ✓ Copiar ou colar no caderno de avisos todos os avisos da sala de aula, exemplo trabalhos, testes, provas e datas de entregar.
- ✓ Mostrar p/os pais e p/os professores o caderno de avisos todos os dias.
- ✓ É responsabilidade do aluno e da família, caso o aluno falte, verificar com o professor o assunto tratado em sala de aula, no dia em que o aluno faltou.
- ✓ O aluno surdo precisa seguir as mesmas regras do aluno ouvinte na sala de aula e na escola.
- ✓ O aluno precisa ter o horário em casa, para estudar todo dia.
- ✓ O aluno precisa realizar as tarefas de casa em casa.
- ✓ Usar o uniforme diariante.
  - ✓ Esclarecer as dúvidas durante as aulas com o professor.
  - ✓ De acordo com o comportamento ou com as notas, se abaixo ou acima da média, o aluno participará ou não de eventos ou de passeios destinados às comemorações e datas festivas.
- ✓ Quem procurar, em casa de dúvida e de problema, na sala de aula ou na escola?
  - I. Professor
  - II. Família
  - III. Oe
  - IV. Aee
  - V. Direção

EQUIPE AEE SURDEZ/2018



**Barra  
Mansa**

Prefeitura Municipal De Barra Mansa  
Colégio Municipal Prefeito Marcello Drable

### **Como avaliar o aluno Surdo? Algumas orientações:**

- Procurar utilizar nas avaliações recursos visuais (foto, imagens, sinais utilizados na elaboração dos conteúdos trabalhados durante a etapa);
- Determinar a mesma quantidade de oportunidade dada aos ouvintes, aos alunos surdos;
- Os alunos Surdos deverão entregar as tarefas e os trabalhos solicitados pelo professor no mesmo prazo dos demais alunos da turma;
- Poderá ser utilizada nas avaliações dos alunos surdos filmagem de acordo com os objetivos traçados pelo professor mediante a tradução do intérprete tanto para o professor quanto para o aluno;
- Caso o aluno surdo falte às avaliações e aos trabalhos, o responsável deverá procurar o SOE e, seguindo as mesmas regras dos alunos ouvinte, apresentar atestado médico e justificativas.
- Durante o bimestre, o professor poderá utilizar a LIBRAS para verificar qual o nível de entendimento e compreensão do aluno sobre os conteúdos trabalhados.
- O intérprete poderá avisar ao professor qual é o nível de compreensão do aluno mediante os conteúdos trabalhados.

Propostas gerais para alunos surdos do 6º ao 9º anos

AEE de surdez- ano 2018

- sinal do aluno
- primeiro nome próprio
- nome completo
- data de nascimento trabalhando (dia/mês/ano)
- sequência semanal (nome dos dias)
- nomes dos familiares mais próximos
- email/senha
- endereço completo
- nome ônibus que utiliza
- nome da escola e endereço completo
- nome dos professores e funcionários da escola
- nome das pessoas que trabalham na escola
- nome das disciplinas
- nome das repartições da Unidade (secretaria, sala da direção, sala de aula, banheiros...)
- nome dos amigos da classe
- cores (sinal e escrita)
- meses do ano(nomes)
- datas importantes do ano
- características físicas
- alfabeto- sequência (letras e quantidade)
- numerais (sequência)-nome dos numerais e grafia
- conceitos matemáticos (noção básica)
- hábitos de higiene
- boas maneiras nos espaços (pedir licença, desculpa, agradecer...)



**Barra  
Mansa**

**Prefeitura Municipal De Barra Mansa  
Colégio Municipal Prefeito Marcello Drable**

#### **Atribuições do professor em sala regular com relação ao aluno surdo.**

- Atualizar-se para entender e para habilitar-se a lidar com a "particularidade" do aluno surdo.
- Adaptar o conteúdo programático de acordo com os pré-requisitos estabelecidos para o aluno surdo individualmente.
- Apresentar atividades adaptadas diariamente, evitando-se, assim, a ociosidade do aluno.
- Respeitar a sequência no aprendizado do aluno com relação às atividades aplicadas.
- Verificar se o aluno faz cópia dos avisos devidamente no Caderno de Avisos.
- Compartilhar com o Intérprete de Libras da turma, com professores do AEE e Coordenação Escolar suas dúvidas com relação ao aprendizado do aluno, estando aberto a sugestões.
- Fazer o aluno surdo seguir as mesmas regras do aluno ouvinte em sala de aula e na escola.
- Exigir que o aluno traga diariamente, para a sala de aula, todo material escolar.
- Confeccionar e apresentar material visual para o aprendizado do aluno.
- Buscar ajuda nos meios tecnológicos para a confecção do material didático apresentado ao aluno.
- Dirigir-se ao aluno surdo na sala de aula, seja para explicar, tirar dúvidas, falando diretamente ao aluno, pois cabe ao Intérprete de Libras a tarefa de interpretar e ao professor a tarefa de ensinar e de inserir o aluno ao grupo.
- Atente-se: o aluno surdo possui grande poder de percepção, portanto, converse com ele, faça perguntas, promova a inclusão e a interação do aluno à turma, mesmo que por meio do Intérprete de Libras, pois a inclusão do aluno inicia-se com o acolhimento do professor.

**EQUIPE AEE SURDEZ 2018**



### **Atribuições do Intérprete Educacional**

1. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do professor. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de sua responsabilidade.
2. O intérprete deve esclarecer o público no que diz respeito ao surdo sempre que possível, reconhecendo que muitos equívocos (má informação) têm surgido devido à falta de conhecimento do público sobre a área da surdez e a comunicação com o surdo.
3. Embora participe do processo ensino aprendizagem não é tarefa do intérprete ensinar o aluno surdo, mas sim do professor.
4. É papel do intérprete na educação mediar a comunicação entre o aluno surdo e a comunidade escolar.
5. O intérprete poderá auxiliar o professor na escolha de estratégias e adaptações que visam facilitar o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo, no entanto não é responsabilidade do intérprete preparar material e atividades para levar nas aulas.

### Atribuições dos professores do AEE

- São profissionais com formação específica para trabalhar com alunos surdos;
- Têm, entre as suas funções, orientar pais e professores do Ensino Regular, e realizar um trabalho conjunto com a Equipe Técnico-pedagógica e direção escolar;
- Colaborar com estratégias, dicas, modelos de atividades junto aos professores do ensino regular;
- Intervir nas adaptações curriculares de acordo com a necessidade e a especificidade do aluno surdo;
- Complementar e suplementar a necessidade do aluno no seu processo de ensino aprendizagem, podendo realizar o atendimento individual ou coletivamente;
- Participar de conselhos de classe, reuniões para planejamento e adaptação curricular, promover encontros pedagógicos com professores afim de esclarecer dúvidas e, em conjunto com o professor, buscar soluções e/ou sugestões para tornar eficaz o trabalho docente;
- Receber e atender o aluno dentro do horário estipulado para esse trabalho;
- Sugerir o encaminhamento do aluno, em caso de necessidade, para serviços especializados como CEMAE, CAPSI, entre outros órgãos competentes;
- Comunicar à escola, aos pais e à coordenação quando for preciso faltar, sempre que possível, antecipadamente;
- Em caso de problemas envolvendo adaptações curriculares, avaliações ou problemas com alunos e professores, procurar a coordenação, a orientação ou a direção escolar.

AEE / SURDEZ

**ANEXO B: Atividade feita com a turma de 2º ano do ensino fundamental pelo professor de Libras**



NOME: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

PROFESSOR(A): \_\_\_\_\_ DISCIPLINA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_

Colégio LSP Fundamentar - RELACIONAMENTOS








P A I

---

Colégio LSP Fundamentar - RELACIONAMENTOS








M Ã E

---

Colégio LSP Fundamentar - RELACIONAMENTOS













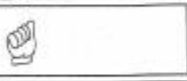




ESPOSA

---

Colégio LSP Fundamentar - RELACIONAMENTOS

IRMÃ

---